



Na composição dos cenários a “régua é existidura de limites e o Pantanal não tem limites”¹

ILSYANE DO ROCIO KMITTA²

Resumo: A proposta desse texto é fazer uma breve análise das representações construídas sobre o Pantanal. Conforme o contexto histórico, o Pantanal foi descrito por viajantes e memorialistas como inferno ou paraíso, desse modo quando a proposta é analisar sua história, entendemos que o meio ambiente pantaneiro recebeu várias representações que emergem de memórias e experiências compartilhadas, onde as representações são concebidas em função de um tempo, de uma lógica, de uma memória que atenda interesses onde a imagem construída seja escrita segundo a conveniência e o papel desempenhado pela natureza. O modo de interpretar esse sistema cultural abrangente, de imagens e códigos, possibilita ao homem ver a natureza como portadora de aspectos que englobam um universo simbólico, de representações construídas temporalmente e sintetizadas pela memória. Entre os muitos aspectos que compõem o universo pantaneiro, a água é um dos elementos que integram a construção de uma visão de mundo onde as referências do passado são aspectos de uma cultura gestada e transmitida por gerações.

Palavras-chave: Pantanal; Representações; Memória.

“O Pantanal é maravilhoso e produtivo, mas, assim como um amigo que nos agasalha, se rebela ao primeiro arranhão da sua pele.”³

A simples formulação de análises acerca das representações construídas sobre o Pantanal⁴ é complexa, visto que envolve experiências vividas e estratégias para o desenvolvimento de atividades econômicas que permitam a permanência do homem na planície pantaneira⁵.

Ao escrever sobre os tipos e aspectos do Pantanal, Laucídio Rondon enfatiza que “os primeiros civilizados que navegaram pela planície inundada julgaram-se descobridores de um grande mar de água doce” (1972:10). Esse fragmento de texto nos remete as imagens construídas pelos espanhóis que cruzaram a Laguna de los Xarayes acalentando o sonho de

¹ Fragmentos do poema de Manoel de Barros.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados. PPGH/UFGD/CAPEL. Email: kmita.sy@gmail.com

³ NETTO, J. de B. *A criação empírica de Bovinos no Pantanal da Nhecolândia*. p. 123

⁴ Ao utilizar a nomenclatura de Pantanal, estamos restringindo uma região que compreende vários pantanais sejam Matogrossenses como sul-matogrossenses. Dentre eles: Pantanal do Aquidauana, do Miranda, da Nhecolândia, do Rio Negro, do Taboco, do Jacadigo, do Abobral, do Nabileque, do Paraguai, do Paiaguás. Tais denominações estão atreladas aos rios que banham tais planícies.

⁵ Classificado como a maior área alagável conhecida, o Pantanal localiza-se na Bacia do Alto Paraguai, na porção Centro-Sul do Continente Sul Americano. Abrangendo os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Com uma extensão de 138.183 Km². Integrando o conjunto de áreas úmidas mundiais situadas geograficamente em vários pontos do planeta.⁵ Face aos estereótipos construídos historicamente e socialmente, em relação ao Pantanal, o mesmo foi declarado Patrimônio Nacional pela Constituição Brasileira de 1988. Em 2000, considerado pela Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como Reserva da Biosfera Mundial e, prioritariamente para a conservação ambiental que se interliga a um sistema maior de áreas úmidas da grande Depressão da América do Sul, assim, ante essa designação, atribui-se aos Pantanais o “status” de Patrimônio da Humanidade.

riquezas infindas. Seriam os espanhóis os “civilizados” aos quais o autor se refere? Seria Xarayes o grande mar de água doce que calmamente gestava os pantanais do mameluco paulista? Seria essa a primeira representação atribuída ao Pantanal, ou trata-se apenas do desconhecimento geográfico? Seria esse o primeiro discurso referente à construção de uma região e do heroísmo de seus desbravadores? Como conhecer então essa relação? Como adentrar nesse universo transmutável que não sucumbe à beleza estética representada e apresentada pela mídia? Nas muitas memórias e na historiografia⁶ nos deparamos com a relação do homem com a natureza, que deve ser considerada como o elo inicial de análise rompendo com a ideia primeira que muitos fazem do Pantanal.

No Pantanal, a diversidade cultural está manifesta de várias formas, não desconsiderando as trocas e a relação do homem com o meio ambiente pantaneiro, bem como com o universo místico a ele atribuído, onde as associações homem e natureza são expressas de várias maneiras, especialmente no que tange ao ciclo das águas⁷. Relação essa que contempla em seu bojo a tradição oral, através da qual é possível observar as nuances e peculiaridades expressas nos relatos que compõem as inúmeras entrevistas realizadas por pesquisadores, de vários segmentos de estudos e áreas de atuação; de como se tenta romper com um processo de construção de memórias sobre a região, cujas bases historiográficas estão alicerçadas no pioneirismo e que consiste em um processo de elaboração lento e dependente dos relatos de viajantes para emoldurar sua história. Relatos esses que apresentam as várias representações e paisagens móveis que emergem pelos caminhos dos viajantes e aventureiros e que gradativamente adquirem papéis emblemáticos na elaboração da História do Mato Grosso no Século XIX e a busca incessante da fixação dessa historiografia na construção de uma identidade no século XX.

Descrito como área lodosa, inundável, de terras fracas e improdutivas, o Pantanal foi visto inicialmente como apto apenas para a exploração de riquezas naturais. Através dos tempos, os saberes peculiares do homem que passou a habitar os pantanais, não ficou

⁶ Memorialistas como Herbert Smith (1922), Fausto Vieira de Campos (1960); Raul Silveira de Mello (1966); Rubens de Mendonça (1970); Lécio Gomes de Souza (1973); Renato Baez (1974; 1975); Ronan Garcia da Silveira (1995); Hildebrando Campestrini (2009); e Augusto César Proença (1989; 1992; 1997); dentre outros, trazem no bojo de suas escritas uma tendência de defesa do pioneirismo, da conquista, da necessidade de “domesticar” o espaço pantaneiro como única forma de manter sua preservação.

⁷ Sobre mitos e lendas do Pantanal ver FERNANDES, F. A. G. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Editora UNESP, 2002 e SILVA LEITE, M. C. *Águas Encantadas de Chacororé: Natureza, Cultura, paisagens e mitos do Pantanal*. 1ª edição. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003. 156p (Coleção Tibaré de estudos mato-grossenses: v.4)

reduzido à paisagem natural, à aquilo que podemos ver, observar por um prisma de olhar adestrado, e sim no sentido multidimensional que engloba aspectos que fogem de um conjunto pré-fixado pelo olhar, envolve elementos morfológicos e de natureza antrópica com sua funcionalidade, estabelecendo dessa forma diferentes relações entre o homem e a natureza, entre o homem e seu grupo e conseqüente, de seu grupo para com a natureza, ou seja, estabelece múltiplas e diferentes relações compondo dessa maneira a paisagem pantaneira. Fato esse visível na descrição do pioneiro José de Barros Netto. Para ele, o Pantanal da Nhecolândia é

assim como um companheiro que me viu crescer, que me viu chorar, sorrir, que me viu amar. Ele é assim como algo que nos abriga, nos irmana e nos quer. Parece querer bem a todos que o defendem, a todos que não o deprezam, a todos que o admiram. É assim como um ser mudo que diz tudo, como um ser falante que relata a natureza, que se agiganta na sua potencialidade. (1979:19)

Nessa perspectiva, ao designar o Pantanal como uma Reserva da Biosfera (ROSSETO, 2004), a UNESCO delega e/ou atribui ao mesmo a característica de ser um instrumento de planejamento regional, cuja função estratégica é atuar no combate aos efeitos dos processos de degradação de ecossistemas com características específicas e singulares. Portanto, como Reserva da Biosfera, o Pantanal também têm como objetivo conciliar a conservação da biodiversidade e a utilização econômica dos recursos naturais com a promoção do desenvolvimento sustentável. Questões essas, facilmente incorporadas nos discursos, onde se atribui ao pioneirismo a preocupação inicial com a preservação do meio ambiente pantaneiro, cuja combinação das variáveis físicas, biológicas, geomorfológicas e hídricas formando um conjunto único de ecossistemas interligados e sensíveis às alterações, coloca o Pantanal como uma área distinta para a preservação e impar para a comercialização da natureza, pelo turismo. Questão que gera inquietação posto que revele a utilização de uma prática discursiva pioneira e produtora de representações, e como analisa Foucault, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (1996:9).

Todavia, com base em tais observações, ponderamos que é nos relatos das experiências vividas que encontramos o fio condutor que permite adentrarmos nesse universo cultural povoado de reminiscências que fornecem elementos significativos para nossa historiografia, onde a diversidade cultural está manifesta de várias formas, que não desconsidera as trocas e a relação com o ambiente, bem como, com o universo místico a ele

atribuído, onde as associações homem e natureza são expressas de várias maneiras e nos inúmeros causos e lendas. Ademais, fica evidente a estreita ligação da construção de uma memória e de uma representação para os pantanais, capciosamente pontuadas como nesse fragmento de texto memorialístico que congrega elementos míticos e da natureza no cotidiano do homem pantaneiro.

No Pantanal o homem vive feliz, quase tanto quanto os animais; no Pantanal ainda se crê nos braços fortes para o trabalho, nas pernas firmes para a doma do potro, no raciocínio rápido para as laçadas dos baguais. Ainda se crê em que o arco-íris mude de baía as águas e os peixes, que o saci exista e que Deus é onipotente (BARROS NETTO, 1979:20).

Configura-se a perpetuação de uma visão paradisíaca do Pantanal, ostentada diariamente pela mídia e que está diretamente relacionada à idealização da natureza no Brasil, que está enraizada na memória da sociedade, que apresenta a natureza como infinda, inesgotável (MARTINEZ, 2005), uma dádiva divina entregue ao homem. Essa mesma idealização da natureza apresenta o Pantanal como um cenário de beleza e encantamento de um céu às avessas, no espelho das águas. E, segundo analisa Chartier “a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma “imagem” capaz de trazê-lo à memória e “pintá-lo” tal como é” (2002; 74).

Nas palavras de Bertelli:

O Pantanal do Mato Grosso, não é uma área, não é uma região, é um mundo, todo colorido, cujo equilíbrio é quebrado pelo homem, pelo boi e pelas enchentes. Carregado de lendas, de histórias e acontecimentos, o Pantanal oferece um espetáculo a cada minuto, ao espectador com seus rios, cerrados e pastagens com animais e suas lagoas, nas quais se encontra, às centenas, o porco-monteiro (1988:10).

No processo de idealização da natureza nos pantanais, buscam-se elementos de um paraíso edenizado que é facilmente absorvido, e posteriormente comercializável. Sendo assim, muitas das representações construídas sobre o Pantanal estão ancoradas em bases modificáveis em função das práticas discursivas e institucionalizadas constituídas historicamente e vinculadas à atividade política e econômica para a região onde, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT,1996:10).

Se por um lado o passado em si é uma forma de entendimento do presente, através das tradições, que por sua vez se apresentam como projeções resignificadas do passado e que podem romper com o discurso instituído, por outro lado temos o passado como sinalizador de

mudanças onde é permitido observar que os acontecimentos são mutáveis e não perenes, e é justamente na produção do texto que se definem as percepções sinalizadoras do campo historiográfico. Foucault salienta que são as relações de poder que fazem coisas e fazem objetos, desse modo, o sujeito emerge como resultado de poder e saber, atuando e dando visibilidade as práticas discursivas, ou seja, do discurso do pioneirismo obtemos as representações assimiláveis e o enaltecimento da memória e seu empoderamento; ante esse fato, a ação modeladora do homem é tida como substancial para a representatividade do ambiente em questão, onde a apropriação espacial está estreitamente ligada a toda uma estrutura organizacional, tanto econômica quanto política, cultural e social.

Para Foucault o indivíduo é um dos primeiros efeitos do poder, tornando-se seu centro de transmissão, ou seja, o poder transcorre através do indivíduo que o próprio poder o constituiu. Para o autor, o poder é uma relação de forças presentes em todos os espaços sociais e, considerando que toda relação em constante movimento produz conflitos e resistências, o mesmo passa a atuar, enunciando uma representação, portanto, “vinculando e imobilizando, o poder é fundador e fiador da ordem e a história é precisamente o discurso pelo qual essas duas funções que asseguram a ordem vão ser intensificados e tornados mais eficazes” (1999, p.79). Percebemos, por essa ótica de análise, que para Foucault, nesse caso, o discurso de poder é a própria história, no caso do Pantanal, a memória do pioneirismo é sua história. A preocupação com a preservação do Pantanal pelos “pioneiros” está diretamente ligada a preservação dos discursos de bravura e da perpetuação de uma memória constantemente reconfiguradas pelas representações erigidas sobre a natureza pantaneira.

Ademais, aprender a ler o Pantanal, ver a natureza como portadora de aspectos que englobam um universo simbólico e as representações construídas pelo homem temporalmente e como essas são “comercializadas” na prática do turismo, são lições que englobam a compreensão do cotidiano do morador dos pantanais. Para o homem simples e familiarizado com o meio em que vive fazer essa leitura é como decifrar mensagens emitidas pela natureza, e é tão necessário quanto trivial. Embora, para aquele que chega alheio ao ambiente, àquele que “vem de fora”, não parece tão simples assim. A falta de familiaridade dá respostas imediatas. O Pantanal será visto apenas como aquilo que os olhos estão aptos e acostumados a ver. Encontramos ideia similar em Fernandes (2007), que chama a atenção para o fato de que escrever sobre o Pantanal e adentrar no “mundo de Silvério”, exige cautela.

Os questionamentos anteriormente colocados exigem muito mais que o domínio de conceitos e teorias nas suas respostas. Exige o respeito por uma tradição partilhada e preservada por gerações. A entrevista com Silvério, apresentada por Fernandes, traz questões “inquisitoriais” para o pesquisador e a dureza das palavras de Silvério quando diz: “Vocês tudo que tem diploma, garanto que não sabe fazê isso tudo! Eu sei lê, assino meu nome, mas o meu livro é tudo isso aqui, é o Pantanal. O Pantanal é minha escola. Esse livro você num tem na sua escola” (FERNANDES, 2007:148). É possível perceber a resistência apresentada diante do pesquisador, à impaciência nas palavras e, ao mesmo tempo, um sentimento de incapacidade diante da realidade. Esse homem simples demonstrou o domínio e a leitura do seu mundo, do domínio de códigos, lançando dúvidas sobre o conhecimento do pesquisador que busca explicações teóricas para estabelecer uma linha tênue que leve ao entendimento do que seja o Pantanal.

Do mesmo modo, entendemos que as ações humanas não são meras adaptações; são motivadas por desejos, por interesses intrínsecos. A natureza não existe meramente para satisfação dos desejos expansivos do homem que através dos tempos deve e tem obrigações para com a natureza e seus ciclos de vida gerando uma reciprocidade permanente, de modo que “decifrando-o, revelamos as práticas sociais dos diferentes grupos que neles produzem, circulam, consomem, lutam, sonham, enfim, vivem e fazem a vida caminhar [...]” (CORRÊA, 2003:64) e cujos arranjos espaciais demarcam as diferenças entre lugar, modo de produção e a forma como são desenvolvidas as atividades, atribuindo com isso um valor, uma representação valorativa para esse lugar, e assim obtém-se um espaço geográfico que é resultado de uma produção histórico-social gerando espaço/natureza; espaço/produto, natureza/mercadoria, redefinindo territorialidades.

No entanto, no Pantanal onde a tradição oral é traço significativo e indispensável que fornece dados relevantes de conhecimento, “é sua existência e prática um dos artifícios mais significativos para a transmissão da cultura local [...] instrumento importante para preservar e reproduzir o imaginário regional, longamente construído e sempre reelaborado” (LEITE, 2005:179). É através das narrativas que vamos buscar o entendimento de como se processa essas múltiplas relações e como se dá a utilização de códigos, da linguagem tão rica em simbologias.

Segundo Fernandes, o vínculo estabelecido com a natureza é intenso. É através da observação e da assimilação das técnicas do labor cotidiano que o pantaneiro se conscientiza e

elabora estratégias de permanência nesse ambiente. As muitas representações elaboradas sobre a natureza deveras demonstram sua imposição frente ao homem que lhe confere “atitudes humanas por meio de representações míticas” (2002: 55). A entrevista de Sebastião Coelho, descrita pelo autor, apresenta a preocupação com o meio ambiente e a reflexão sobre as mudanças operadas. As observações estão centradas na necessidade de repensar as estratégias estabelecidas para a ocupação da planície pantaneira e as consequências dela advindas (FERNANDES, 2002: 55).

De maneira pragmática, este homem simples, trás em si todo o conhecimento das particularidades dos ecossistemas que estão frente aos problemas sociais e ambientais gerados nas últimas décadas e muitos vêm se agravando em função da aceleração dos processos erosivos, assoreamento, desmatamento e alteração dos ciclos climáticos. O homem que convive com este ambiente percebe que as alterações são constantes e interferem no seu modo de viver. Com simplicidade, apresenta ao pesquisador a diversidade da vegetação que possibilita os mais variáveis habitats e, respectivamente, a diversidade de seus ocupantes, constituindo um mosaico de espécies de animais e plantas que com seus complexos padrões, integram a cadeia da biodiversidade inserida numa paisagem móvel e sensível as grandes alterações, como as geradas pelas queimadas e pela compactação do solo pelo rebanho bovino e dos cercamentos que atuam como bloqueadores para as migrações da fauna. Alterações que geram consequências nos processos de reprodução, movimentação e deslocamentos das espécies, fomentando a fragmentação dos habitats, comprometendo sua existência.

A integração de um grupo e a continuidade das experiências vividas somente por eles podem ser protegidas. São as narrativas que possibilitam adentrar no cotidiano do homem pantaneiro onde a água é parte integrante do imaginário e da simbologia pantaneira, quando crianças são levadas pelos espíritos das matas, do minhocão e dos enterros, de seres antropomorfizados (FERNANDES, 2002). Elementos díspares de um cotidiano cujo ritmo marcado pela morosidade de um mundo sem pressa que é paulatinamente exposto a necessidade da rapidez dos movimentos do turismo que emerge como uma nova atividade econômica, que arditosamente “inventa” programações que preencham os poucos dias do turista, entretendo-o por todo o tempo num ritmo acelerado tal qual o que deixou para trás. O turismo trouxe a preocupação de adequar a natureza as necessidades do visitante.

Designar o Pantanal como um paraíso das águas, representação construída pelo turismo e muito comumente difundida pela mídia, produz uma leitura reducionista de lugar

edênico. Considerando que o uso da linguagem não é inocente, que ela é portadora de significados, que está permeada por símbolos, temos a produção e a evocação de imagens fugidias da natureza que por deveras não condizem com o mundo em que se vive ao lócus ao qual se refere. São representações amplamente difundidas que produzem contradições, pois no folder da agência de turismo, trata-se do paraíso e todo paraíso é uma fonte inesgotável de prazeres, acrescentando-se a isso os pernilongos e o calor intenso, que submergem nas entrelinhas.

Encontramos-nos aqui diante de uma questão complexa. A fim de compreender melhor tal complexidade, buscamos nas análises de Foucault sobre a obra de Magritte – “Isso não é um cachimbo”, quando a partir da ideia da construção das representações que sugere o enquadramento da imagem como gênese do significado do objeto, gera a representação deslocada do real que multiplica as incertezas, mas traz para seu observador o enunciado que explica através da representação. Descortinando dessa maneira várias imagens e múltiplas interpretações que visam conservar a ideia do real que apresenta – representação/imagem/real, possibilitando entender como no caso da obra de Magritte, a ideia de que não se deve buscar o objeto em si, posto que seja apenas a sua representação. O que se deve buscar na imagem será exatamente o que não coube no enquadramento.

Foucault enfatiza que a atenção do observador se volta de maneira mais incisiva para a representação que propriamente para o real que aqui se apresenta como distante e deslocado do enquadramento como um jogo de abstração, “[...] seria a profundidade arrancada, a dimensão interior furando a tela [...] e, lentamente, lá longe num espaço de agora em diante sem limite, dilatando-se até o infinito” (1988:14-15). São as incertezas contrapondo a abstração enunciada pela representação que impedem o descortinamento total do real, mantendo-o assim inacessível aos olhos do observador. A título de exemplo, um folder turístico cujas imagens do Pantanal remetem a um paraíso, ao santuário da natureza, não traz estampados muriçocas e pernilongos e demais insetos que vagueiam pelas noites do Pantanal. Eles são alijados da imagem/representação que tem a função de apresentar o real seguindo o enquadramento proposto pelo enunciado – no caso um paraíso – sem, contudo, contradizê-lo em virtude de que não há enunciados diferentes para a mesma representação.

As imagens e os signos que compõem a representação estão

sabiamente dispostos sobre a folha de papel, os signos invocam, do exterior, pela margem que desenharam, pelo recorte de sua massa no espaço vazio da página, a própria coisa de que falam. E, em retorno, a forma visível é cavada pela escrita,

arada pelas palavras que agem sobre ela do interior e, conjurando a presença imóvel ambígua, sem nome, fazem emergir a rede das significações que a balizam, a determinam, a fixam no universo dos discursos (1988:23).

O que significa dizer que tanto os discursos produzidos como as representações constituídas através e pelos símbolos, imagens, escrita “dão vida”, significado, similitude a imagem recorte cuidadosamente representada, como é possível observar no fragmento de texto que enaltece a beleza em suas inúmeras espécies de aves que ilustram muitas revistas e cartazes promovendo o turismo:

A maior beleza do Pantanal está nos céus, onde se veem inúmeras aves multicolores. O amanhecer é um espetáculo deslumbrante: a silhueta de centenas de aves se contrapõe ao horizonte róseo, pelos reflexos do sol nascente. São garças, colhereiros, jaburus, socós, araras, papagaios, periquitos, curicacas e outras (BERTELLI, 1988; 11)

A descrição do quadro revela contornos cuidadosamente delineados pelo autor. Ocorre, nessa perspectiva, um direcionamento do olhar e da percepção sobre a representação, distanciando-a de qualquer forma de comparação, tornando as incertezas iniciais nulas, cujo enunciado se encarregou de esconder nas entrelinhas do texto e imagens apresentadas e na contradição por elas possivelmente geradas. Esse redirecionamento do olhar absorve um sistema de signos facilmente assimiláveis, reenquadrando os espaços e os olhares. Não se direciona a leitura das entrelinhas, ou a chamada leitura a contrapelo, e como enfatiza Foucault, sobre a obra de Magritte,

não se tem o hábito de prestar atenção a esse pequeno espaço em branco que corre por cima das palavras e por cima dos desenhos, que lhes serve de fronteira comum para incessantes passagens: pois é ali, sobre esses poucos milímetros de alvura, sobre a calma areia da página, que se atam, entre as palavras e as formas, todas as relações de designação, de denominação, de descrição, de classificação (1988:33).

O que ficou “perdido” nas entrelinhas de Bertelli, conforme citado, foi a crítica a superpopulação de aves e a comercialização clandestina de espécies como a araras, papagaios, periquitos e tucanos, que com sua exuberância de cores, despertam a cobiça de muitos caçadores pelo valor de mercado (clandestino) que possuem. Entrando também nesse rol o jacaré e a onça. O interesse pelo couro e o contrabando fácil que excitou a cobiça dos coureiros, levando milhares de jacarés ao abate. Com a procura de peles, a onça apanhada em armadilhas, era esfolada, a jaguatirica anzolada. Na caça ilegal, somente interessava o couro e os esfoladores eram treinados na faina dos saladeiros, transferindo suas habilidades para a atividade ilegal que exigia cada vez mais rapidez e eficiência. E a partir da década de 1950, surge o pescador profissional de frigoríficos e demais regiões do que atacaram violentamente

a fauna aquática pantaneira, cujo controle mais efetivo somente se dá em meados de 1980, através de órgãos governamentais que regulamentam a atividade.

Estas observações são necessárias para mostrar que, de início, deve-se considerar também a mistificação do espaço pantaneiro. Deixar de lado a representação edênica que fascinava os viajantes do Século XVI que ainda perduram na comercialização das imagens paradisíacas. Albana Xavier (1990) assinala que tal atitude obriga-nos a reexaminar nossa posição diante dos problemas ambientais, pois, pensar e apresentar o Pantanal turisticamente como um paraíso encerra a possibilidade de uma relação entre homem versus natureza, que além de ser uma relação de câmbios e conflitos é também de apropriação e adaptação do espaço pelo homem. A esse respeito, Costa ressalta que “[...] um ambiente que se impõe e determina o ritmo da vida conseqüentemente, seus habitantes, de tantas e populosas nações desenvolvem uma cultura de equilíbrio e adaptação a este ambiente de paisagem móvel” (COSTA, 1999:125), onde o elemento alheio atua como força motriz nos processos de conflitos.

A abertura de um processo de implantação da atividade turística no Pantanal ocorre na década de 1970, e no início de 1975 foi idealizada e realizada em Brasília, uma mostra de 10 dias, promovida pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal cujo intuito era percorrer todas as capitais apresentando um acervo fotográfico que retratava a vida silvestre do Pantanal. Em princípio, a exposição tinha por objetivo sensibilizar o povo e particularmente as autoridades sobre os problemas relativos à preservação do meio ambiente. As imagens abordavam aspectos da vida dos caboclos da região dos pantanais como também a onça pintada, jacarés, jaguatiricas, capivaras, aves diversas e borboletas retratando a beleza que ostentava o Pantanal. O acervo pertencia a um fotógrafo sueco, que vivia a mais de 10 anos no Brasil, especialmente no Pantanal, o qual classificava como um dos lugares mais belos e agradáveis por onde passou e que todos deveriam conhecer. Dedicava todo o seu tempo na produção de vídeos e obtenção de imagens da vida selvagem que eram constantemente exibidos na Europa como convite ao turismo no Brasil.

O resultado da mostra foi expressivo e alavancou a atividade turística que despontou como uma promissora fonte de recursos para o Estado, que passou a investir significativamente no setor turístico, divulgando, amplamente através de imagens o Pantanal como um paraíso ecológico. As representações exibidas e por ele constituídas sobre o Pantanal tomam a forma e adquirem a dimensão do cenário que se quer “oferecer” ao viajante

curioso, ao turista. As imagens ganham os contornos do amanhecer e entardecer, apresentando um Pantanal que “é todo cores, é todo som, é todo movimento, incomparável na sua dimensão” (BERTELLI, 1988: 11). Um enquadramento ideal, na constituição de um quadro, cujo pano de fundo são as águas, no qual não deve entrar pernilongos, calor intenso e muriçocas na constituição de um paraíso as avessas.

Com o advento do turismo, foram visíveis as mudanças operadas em várias propriedades e a venda e fragmentação de muitas delas trouxeram consequências expressivas. Muitas fazendas se transformaram em pousadas, espaços ficaram restritos e as muitas mudanças socioculturais principiaram o conflito entre gerações. Os novos costumes implantados ora diferem ora são contrários aos praticados, crenças e superstições são alvo de questionamentos que incomodam e silenciam quando categorizados pela égide do atraso.

Nesse contexto, ignorar os homens que ali habitam como portador de uma cultura distinta é ignorar o próprio Pantanal como um signo. Como ressalta Nogueira “a simples menção da palavra Pantanal faz avivar na mente da grande maioria das pessoas ideias de exuberância, de grandeza, de algo indefinível” (2002:9) Uma beleza indelével marcada pelo burburinho das aves, das folhas ao vento, da água que mansamente desliza pelas entranhas da planície que corresponde às representações criadas, facilmente comercializadas.

Faz-se necessário, portanto, pensar e rever algumas concepções que temos quando estudamos uma determinada região em seus aspectos culturais, sociais onde traços de uma concepção ocidental atuam como base de análise.

Referência bibliográfica:

BARROS NETTO, J. de. *A criação empírica de bovinos no Pantanal da Nhecolândia*. São Paulo: Editora Resenha Tributária, 1979.

BERTELLI, A. de Pádua. *O Pantanal, mar dos Xaraiés*. São Paulo: Siciliano, 1988.

- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre; EUFRGS, 2002.

- CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço: conceito-chave da geografia*.ORG. CASTRO, Iná E; GOMES, P.C da Costa; CORRÊA, R. L. IN *Geografia: Conceitos e Temas*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2003.

- FERNANDES, F. G. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Editora UNESP; 2002.
- _____. *A voz e o sentido*. Poesia oral em sincronia. São Paulo: Edunesp, 2007.
- LEITE, E. F. Anotações sobre cultura e natureza nos Pantanaís. *Revista Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, p- 167-188,2005.
- MARTINEZ, P.H. Brasil: desafios para uma história ambiental. *Revista Nômadás*, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. Trad. Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. *A ordem do discurso*. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo, SP. Martins Fontes. 1999. (Aulas de 28 de janeiro e 17 de março de 1976)
- _____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. (Aulas de 14 e 21 de janeiro de 1976).
- NOGUEIRA, Albana Xavier. *A linguagem do homem Pantaneiro*. São Paulo, 1989. 385p. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Mackenzie.
- _____. *O que é Pantanal*. São Paulo, Brasiliense.
- _____. *Pantanal: homem e cultura*. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2002
- RONDON, J. Laucido N. *Tipos e aspectos do Pantanal*. Mato Grosso. Gráfica Urupês. São Paulo, 1972
- ROSSETTO, O.C. “*Vivendo e mudando junto com o Pantanal*”: um estudo das relações entre as transformações culturais e a sustentabilidade ambiental das paisagens Pantaneiras. IV Simpósio sobre Recursos naturais e sócio-econômicos do Pantanal. Corumbá. Nov/2004 s/p
- WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. Trad. José Augusto Drummond. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4 n. 8, 1991 p. 198-215.